##### METAMORFOSE[[1]](#footnote-1) PEDRO paulo

esperei que nascesses

 na praça pública

 da garganta do pássaro

 que cantasse no ramo de uma árvore

 ou no ombro de uma estátua

esperei que florisses

na roseira do Parque Municipal

e o teu corpo branco

 não fosse mais

 do que um sonho vegetal

esperei que descesses

num raio de lua

e viesses

 bailando em pontas (como uma sílfide nua)

 deitar-te na minha cama

Na minha fantasia

de menino púbere

esperei que fosses uma melodia

 uma flor

 um raio de lua

Esperei por ti todos os minutos

do dia e da noite com

os nervos a alma ansiosa

 afagando-te nas pétalas das rosas

 ou mordendo-te na polpa dos frutos


##### SIMPLESMENTE[[2]](#footnote-2) carolina C

 amar-te sem juras nem promessas

 sem noites de vigília

 nem esta paixão que me buleversa

 os nervos e me ensombra a vida

 sem desespero sem romance

 como se nada tivesse acontecido

 sem as tuas lágrimas sem a minha angústia

 plácida simples naturalmente

 como florescem as ervas do caminho


#####  XÁCARA DAS MOÇAS DONZELAS[[3]](#footnote-3) luciano

A noite é de estrelas

pelo céu brilhando

 e as moças donzelas

 as moças donzelas

 rezando rezando:

 *Não vem um ladrão*

 *não vem um banqueiro*

 *ou um trovador*

 *ou um cavaleiro*

A noite é de estrelas

 pelo céu ardendo

 e as moças donzelas

 as moças donzelas

 dizendo dizendo:

 *Não vem um senhor*

 *de alto coturno*

 *não vem um polícia*

 *ou o guarda noturno*

 A noite é de estrelas

 pelo céu luzindo

 e as moças donzelas

 as moças donzelas

 sorrindo sorrindo:

 *Não vem um amigo*

 *ou um inimigo*

 *não vem um soldado*

 *não vem um mendigo*

 A noite é de estrelas

 pelo céu redondo

 e as moças donzelas

 as moças donzelas

 supondo supondo:

 *Não vem um vadio*

 *ou um peregrino*

 *ou um saltimbanco*

 *ou um assassino*

A noite é de estrelas

 pelo céu profundo

 e as moças donzelas

 as moças donzelas

 sozinhas no mundo


#####  TOADA DO MENINO FEIO[[4]](#footnote-4) carolina cordeiro

 Menino feio, da rua

 (seria eu próprio, seria?),

 tinha uns olhos de Lua

 onde a Lua se acendia.

 Menino de olhos de Lua,

 menino que parecia,

 sentado à porta da rua,

 que não via nem ouvia.

 Menino que me pasmava

 pelo que lhe acontecia:

 Enquanto ria, chorava,

 e enquanto chorava, ria.

 Menino sozinho e feio,

 brincando sem alegria,

 que estranho mundo era o teu?

 que mistério te envolvia?

 Menino feio, de bibe,

 menino que fui, um dia…

 Não sei agora onde vive…

 Sei lá mesmo se vivia!


#####  HIPOCONDRIA[[5]](#footnote-5)chrys

1

 Não é não

 uma ilusão

 da minha hipocondria

 (ou seja lá o que for

 da minha inquieta

 imaginação

 doentia

 de poeta)

 esta sina que a mim

 me foi dada

 de ir pelo *não*

 semeando amor

 e chegar ao *sim*

 não colher nada.

 2

 Não me resta agora

 senão esperar, amor, que venhas, lá de onde

 não sei que fadário te esconde

 e demora,

 semear, por tua

 mão, neste árido e agreste descampado do

 Mundo, em nome

 da Vida, a primavera, e acender por dema-

 sia, para os poetas, no negrume

 da noite, a Lua.


#####  POEIRA DE ASTROS[[6]](#footnote-6) carolina C

 depois do sonho e do sonho

 e do cansaço e da estrada

 quando os olhos já não viam

 nem os muros nem a estrada

 depois dos beijos e risos

 com a ampulheta parada

 quando veio súbito o aviso

 da noite inesperada

 me perdi entre meandros

 e rastros de luz inventada

 em busca da poeira dos astros

 que morrem com a madrugada


##### CONQUISTA[[7]](#footnote-7) chrys

 Eu sou um homem de aldeia,

 cheguei à cidade de botas amarelas.

 fazem lá ideia

 do que os homens da cidade riram de mim e delas!

 Pois, apesar disso, a cidade, conquistei-a!

 Hoje, sou o dono de um parque onde há um banco e aí durmo e sonho.

 Tenho uma mansão em Newport, na Nova Inglaterra, e um *yacht* ancorado em Saint Tropez, e amanhã mesmo vou montar um negócio de baleias em Liverpool.

 Ah, e digam lá vocês agora que eu sou um homem de aldeia!

 Sou, isso sim, um armador grego, controlo a maioria dos casinos de Las Vegas, tenho 5% nos negócios de petróleo da Pérsia e já comprei (meu sonho antigo!) o aeroporto de Santa Maria.

 Para começar, hoje em dia, já é um pé de meia.

 (Só tenho medo que um dia o inspetor dos bancos dos jardins públicos

 Descubra e me venha comunicar que o meu banco ali debaixo do plátano à beira do tanque onde nadam os pequenos peixes vermelhos que me vêm comer à mão pertence à Câmara Municipal.)


#####  A ÚLTIMA FOLHA[[8]](#footnote-8) pedro paulo

A última folha

 do outono, ainda

 presa ao ramo que a prendia

 à vida,

 veio

 um vento à toa,

 desprendeu-a.

 E aquela folha,

 enfim desprendida

 do ramo que a prendia

 à vida,

 agora

 que está morta,

 voa.


#####  A ESTRADA[[9]](#footnote-9) luciano

 Dizem os velhos que esta estrada,

 seja curta ou comprida,

 que só se chega ao outro lado

 gastando a vida

 e que depois do outro lado não há mais nada

 Todavia, os jovens lá vão, em festa,

 de braço dado

 e aos beijos pelas sombras, às risadas,

 pensando que, depois desta,

 ainda há outras estradas.


##### A MENSAGEM DO POETA[[10]](#footnote-10) carolina cordeiro

 Na margem

 do grande estuário do rio

 que anuncia o

 fim da viagem

 cresce

 (ainda) a árvore meta-

 física em cujos ramos a Mensagem

 do poeta

 floresce


##### CHIARO-OSCURO[[11]](#footnote-11) pedro paulo

 como se

 de súbito

 se acendesse

 na noite

 compacta

 absoluta

 o teu sorriso

 ou :

 um Anjo sus-

 pendesse

 o voo e

 ficasse

 parado no ar

 perplexo

 (como num ex-

 voto) a

 decifrar

 nota a nota

 sílaba a sílaba

 cada

 lágrima ardente

 na maciez

 do liso frio már-

 more

 do teu rosto


##### Origem[[12]](#footnote-12) chrys

 Lá, onde o grande estuário

do rio da vida

pressagia a infinita

morte oceânica,

Cresce

a árvores marginal

em cujos ramos o canto

dos poetas floresce.

1. *Os Silos do Silêncio – poesia (1948-2004)*. Lisboa. Ed. Imprensa Nacional Casa da Moeda. 2005. pp. 50-51. [↑](#footnote-ref-1)
2. In Os Silos do Silêncio (Poesia, 1948-2004 p. 58 [↑](#footnote-ref-2)
3. In Os Silos do Silêncio (Poesia, 1948-2004pp. 63-64 [↑](#footnote-ref-3)
4. In Os Silos do Silêncio (Poesia, 1948-2004 p. 94 (1944) [↑](#footnote-ref-4)
5. In Os Silos do Silêncio (Poesia, 1948-2004 pp. 105-106 (1954) [↑](#footnote-ref-5)
6. In Os Silos do Silêncio (Poesia, 1948-2004 p. 128 (1952) [↑](#footnote-ref-6)
7. In Os Silos do Silêncio (Poesia, 1948-2004 pp. 156-157 [↑](#footnote-ref-7)
8. In Os Silos do Silêncio (Poesia, 1948-2004 p. 272 [↑](#footnote-ref-8)
9. In Os Silos do Silêncio (Poesia, 1948-2004 p. 326 (1948) [↑](#footnote-ref-9)
10. In Os Silos do Silêncio (Poesia, 1948-2004), Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2005. [↑](#footnote-ref-10)
11. (INÉDITO) [↑](#footnote-ref-11)
12. In [*http://www.circuloarturbual.com/literatura/eduinodejesus/tabid/170/language/pt-pt/default.aspx*](http://www.circuloarturbual.com/literatura/eduinodejesus/tabid/170/language/pt-pt/default.aspx) [↑](#footnote-ref-12)